



**12º Congresso de Pós-Graduação**

**MEMÓRIA E RELAÇÕES AMOROSAS: ASPECTOS DA CRÍTICA DE BENJAMIN À  
MODERNIDADE**

**Autor(es)**

---

LUIZ CARLOS ANDRADE DE AQUINO

**Orientador(es)**

---

LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

**Resumo Simplificado**

---

O trabalho é uma leitura interpretativa dos aforismos O jogo das letras e Agência de apostas, de Walter Benjamin, publicados em sua obra Rua de Mão Única (1987) e exemplos significativos da original reflexão crítica de Benjamin sobre a modernidade. Benjamin, ao escrever sobre a infância ou sobre pequenos fragmentos e imagens da vida cotidiana (as relações amorosas), o faz de forma tão profundamente subjetiva que tem por resultado a revelação de um processo universal objetivo, a modernidade. Em O jogo das letras, Benjamin procura evidenciar que a saudade é constituída exatamente daqueles momentos em que, embora de tudo o mais esqueçamos, significam o momento do aprender, do exato momento onde a beleza do ato, do gesto em si, está no aprender, muito mais no que foi aprendido. Antes da descoberta de quais palavras as letras poderão formar, parece existir um momento mágico em que se descobre - se aprende - a possibilidade de formar palavras. É desse sentimento que trata Benjamin e, lido assim, esse aforismo é uma profunda metáfora para todos os momentos em que o homem vivencia - e internaliza em sua memória - as experiências que arrebatam seus mais profundos sentimentos. Sabemos que é contra esta sociedade administrada e racionalmente dominante que se insurge Benjamin. Assim, o esquecido precisa vir à tona para combater o estado atual de barbárie. O gesto que está por trás deste olhar é o gesto do homem sensível e crítico do seu tempo, é uma atitude mental, onde o homem é consciente do que foi soterrado, esquecido pelas relações sociais sob o capitalismo, mas que ainda percebe a possibilidade de se insurgir. No aforismo Agência de apostas, temos o flerte como componente da relação entre dois seres humanos, instigando a paixão amorosa e o envolvimento mútuo. O blefe é componente da relação entre jogadores de pôquer, onde o ganho é individual, silencioso, fruto da dissimulação e da capacidade de levar o parceiro de jogo ao engano. Aqui “o propriamente novo no flerte”, de que nos fala Benjamin, é o descompromisso com o outro. Benjamin assinala o casamento do homem burguês como um negócio, como uma relação instrumental. A conquista é “um evento mudo”, privatizado, racional ao extremo, pois este homem vê no casamento a continuidade de sua trajetória de acumulação. Este homem irá manter, no mundo público, o discurso moralizante da família e de sua importância para a coesão social. Porém, é entre quatro olhos, privadamente, que ele exercerá sua liberdade sem responsabilidade, utilizando e encontrando no flerte a escapatória para satisfazer seus desejos. Longe de ser social, o flerte aqui tem um sentido atomizado, nuclear, voltado para a reprodução deste mesmo tipo de família, se igualando ao jogo secreto das relações entre amantes fora do casamento que reproduzirá as mesmas contradições que do casamento burguês. Temos assim uma modernidade repleta de contradições: no universo distante da infância ainda se podia imaginar e construir o futuro, mas a modernidade roubou do mundo infantil esta possibilidade ao transformar as relações humanas em relações mediadas pela lógica da troca mercantil. No universo familiar esta mesma lógica subtrai do ser humano sua capacidade de fundamentar suas relações mais íntimas por sentimentos genuinamente humanos.